

**BRIE
SPANGLER**

Fera

Tradução

ERIC NOVELLO

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2016 by Brie Spangler

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A citação original utilizada nesta edição foi retirada de *Alice*, de Lewis Carroll
(Trad. de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
Ed. comentada e ilustrada).

TÍTULO ORIGINAL Beast

CAPA Leo Nickolls

CALIGRAFIA DA CAPA Bruno Romão

PREPARAÇÃO Paula Marconi de Lima

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Spangler, Brie

Fera / Brie Spangler ; tradução Eric Novello. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2017.

Título original: Beast.

ISBN 978-85-5534-033-8

1. Ficção juvenil I. Novello, Eric. II. Título.

17-02447

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br



Para Matt.

*Porque eu quis desistir mais vezes do que há palavras nesse
livro, e você sempre repetia: “Continue escrevendo”.*

UM

NÃO SEI QUEM CAIU PRIMEIRO, a bola de futebol americano ou eu.

Em tese foi a bola, porque este cara aqui, feito de pura carne e músculo, não seria capaz nem de assoviar e mascar chiclete ao mesmo tempo, muito menos pegar uma bola perdida no telhado. Ainda bem que ninguém me viu subindo até lá, porque eu ia ouvir um monte. As mesmas coisas estúpidas de sempre, tipo: “Não faça isso”, “Você é grande demais”, “Você é alto demais”, “Você é peludo demais”. Todo mundo adora me lembrar da minha aparência. Como se eu não tivesse espelho em casa. Mas estava silencioso lá em cima. Nada se mexia, nem o vento. Me aproximei aos poucos do canto onde as calhas se juntavam e parei sobre uma fileira de telhas soltas. Minha sombra se estendia na grama lá embaixo, comprida e fina.

Eu não devia ter olhado.

Já é ruim o bastante ter um metro e noventa e três e pelos suficientes no corpo para isolar termicamente uma cidade pequena. E não é só isso, eu também tenho que comprar roupas na seção de minotauros. Uniformes de tamanho padrão não me servem. Antes do ano letivo começar, minha mãe teve que costurar o símbolo idiota da escola em jaquetas marrons e camisas polo brancas do tamanho de pequenos pianos. Pareço um ogro saído de debaixo da ponte Fremont para passear e, no meio do caminho, resolveu que estudar numa escola católica a preços razoáveis era uma boa ideia.

Hoje não tinha começado como o pior dia de todos os tempos. Enquanto eu tomava um leve café da manhã com seis panquecas, quatro torradas e um punhado de bacon, achei que talvez minha mãe soubesse do que estava falando quando disse: “Este é o seu ano, Dylan, posso sentir isso!”. Porque, sei lá, depois da épica tempestade de merda que incluiu surtos explosivos de crescimento e a necessidade de me barbear desde os onze anos, talvez o segundo ano do ensino médio *realmente* pudesse ser bom. Seria uma mudança legal. Até vi uma moeda da sorte com a cara para cima enquanto andava até o ponto de ônibus. Um sinal do meu pai de que ele estava pensando em mim. Mas aquela falsa esperança de um ano bom foi por água abaixo quando o colégio St. Lawrence decidiu, de repente, proibir os meninos de usarem boné e de terem cabelo comprido. A escola inteira se virou para me encarar.

Todo dia eu uso o cabelo do mesmo jeito. Dividido ao meio, penteados para baixo e com o boné por cima para cobrir o máximo possível do meu rosto. Minha mãe odeia meu

cabelo. Ela diz que fica caindo na minha cara. Que esconde meus olhos. Meu cabelo é meu toque pessoal.

Corrigindo: *era* meu toque pessoal.

Madison falou, do nada:

— Ai, meu Deus, agora vamos ter que ver a cara da Fera todo dia. — Desse jeito. Bem no meio da assembleia da escola. Eu estava sentado numa fileira logo atrás dela. É claro que o JP riu. Quando Fern Chapman revirou os olhos para Madison e mandou ela calar a boca, meu ânimo quicou do chão como uma bola de borracha.

Obrigado, Fern Chapman. É por isso que eu sou tão estupidamente apaixonado por você.

Ela é tão linda e é tão difícil estar na mesma sala que ela. Parece que o ar fica rarefeito.

— Leva a Madison pra sua caverna primeiro, Fera. — JP me cutucou com o cotovelo e esperou que eu risse. Foi o que eu fiz porque, caramba, é isso que você faz quando o diretor está de pé no palco, anunciando o plano do colégio St. Lawrence para exibir ao mundo a verdadeira aberração genética que você é.

Sentar ao lado do meu melhor amigo, JP, só comprovava meu teorema. Não de um jeito maluco tipo a lei da reciprocidade quadrática. Não, é tipo assim: qualquer uma das sardas do JP > toda a minha aparência física. Elevada ao quadrado. Em termos visuais, ele é o herói de armadura reluzente montado num cavalo branco, sacando uma espada larga de punho dourado e me esquartejando enquanto o povo do vilarejo comemora. O que é bem próximo da realidade. Seu lema é

Simul adoratur — se você puser no Google Tradutor, vai descobrir que significa “Ele é adorado”, um jeito sutil de se gabar. Assistir ele conquistar garotas como quem coleciona borboletas me faz sentir uma pontada de dor toda vez que ele alfineta uma delas no coração.

Mas, estranhamente, eu adoro o JP, porque ele não tem medo de mim. Fazer amigos nunca foi fácil. Minha mãe sempre dizia: “Fale com as outras crianças. Mostre a elas seu lindo sorriso!”. (Mães...) Mas, toda vez que eu tentava, elas corriam para bem longe. Ou, pior ainda, fingiam que eu não estava lá. Quando eu pesava uns dez quilos a mais do que qualquer outro aluno do primeiro ano na cidade, JP foi o único garoto que me perguntou se eu queria brincar. Era óbvio que eu queria. Quando ele me pedia de vez em quando para dar um susto em um ou outro folgado que aparecesse, eu fazia porque ele queria ser meu amigo. Não era de todo mau. Normalmente, chegar perto do moleque e fazer uma cara feia já bastava. Além do mais, hoje em dia, andar com o JP é uma medalha de honra no St. Lawrence. Eu não ia jogar fora o meu lugar ao lado dele na mesa do almoço.

Ele é o melhor, tirando as vezes em que eu o odeio. Como neste exato momento. Se não fosse pelo JP, talvez eu não tivesse subido no telhado e talvez ainda tivesse cabelo. Foi ele quem teve a ideia de passar no barbeiro depois da escola. Disse que ia pagar e eu pensei ótimo, porque ele é podre de rico e eu sou pobre pra caramba. *O JP deve ter percebido que eu estou mal de verdade*, pensei, sentando na cadeira. Foi um gesto legal da parte dele. Então falei pro cara que queria um corte igualzinho

ao do JP. Ele joga o cabelo para o lado e sempre fica perfeito. As garotas nunca perdem uma chance de passar os dedos. É isso o que eu quero. Foi o que eu disse pro barbeiro, e o cara vai e raspa uma faixa bem no meio da minha cabeça. Que merda era aquela? Pulei da cadeira, com a capa estúpida de plástico, e peitei o cara. Ele recuou, como todo mundo sempre faz, e apontou para o JP. Disse que ele tinha dado vinte pratas pra ele fazer aquilo. Bem nessa hora, o JP começou a rir. Eu ri também, mas de um jeito diferente. Eu era obrigado.

Então agora eu tenho a cabeça raspada. Eu não gosto. Lembra demais a quimioterapia. Me pergunto o que meu pai acha do meu novo estilo. Se é que ele ainda acha alguma coisa. Ele seria um especialista nesse tipo de corte.

Tentei bloquear o ódio pela minha nova aparência, mas isso só durou até eu chegar em casa, tirar o boné e ver meu reflexo no espelho do corredor. Se alguém perguntar, pois é, o vidro quebrado e o rastro de sangue até o telhado estavam lá por minha causa. E daí? Eu precisava de ar fresco. Peguei a bola de futebol americano que tinha perdido lá em cima, respirei fundo, escorreguei e caí. O final perfeito para um dia perfeito.

E então ficou melhor ainda! Meus vizinhos, os Swanpole, me ouviram gritando de dentro da cratera que fiz ao cair e chamaram a ambulância. Agora estou no hospital, acordando da cirurgia, com duas fraturas espirais na perna direita, e os bipes dos monitores me deixam maluco. Precisa mesmo fazer isso para cada batida do coração? Queria que alguém fizesse isso parar. Os bipes, digo. Toda vez que apitam, ouço a voz da Madison repetindo: “Ai, meu Deus, agora vamos ter que ver a

cara da Fera todo dia. Ai, meu Deus, agora vamos ter que ver a cara da Fera todo dia...”.

Fecho os olhos para parar de ver o branco-branco-branco do quarto do hospital. Estou meio desapontado. Não achava que fosse parar aqui. Não era o que eu tinha imaginado. Minha perna direita está presa ao esqueleto de metal da cama, com pinos e fios saindo dela e, na minha confusão mental embalada pela morfina, é como se eu tivesse um show particular e esquisito de marionetes. Me ajeitei na cama e inspirei a esterilidade química do quarto como se fosse o perfume da Fern Chapman. Ou talvez fosse o desodorante — o que quer que a deixasse sempre com aquele cheiro inacreditável. Admito que já tive sonhos em que eu era invisível e tudo o que fazia era andar atrás dela e respirar fundo.

Pelo visto vou ter que mancar nos sonhos de agora em diante. Muletas são perfeitas. Vou ficar conhecido como o Cara das Muletas. “Ei, olha aquele cara de muletas”, vou ouvir as pessoas dizerem ao passar por mim. Gosto da ideia. Parece tão incrivelmente comum.

O silêncio não dura muito.

Minha mãe entra no quarto de repente.

— Dylan! — Ela não está segurando o chá que sempre compra quando volta para casa. Deve ter vindo correndo de Beaverton, onde trabalha longos turnos e consegue comprar calçados com desconto pra gente. Uma onda de culpa se espalha sobre mim. Não há chá no mundo que acalme o coração de uma mãe que recebe uma ligação no trabalho informando que seu filho foi levado para o hospital e passou por

uma cirurgia de emergência. Talvez ela precisasse de alguma bebida mais forte para se acalmar.

— Querido! — ela grita e atravessa o quarto correndo, me esmagando em um abraço. — Vim assim que pude. Seu médico me contou tudo enquanto você dormia. Ele disse que você vai ficar bem. Como você está?

Um pouco mais de morfina cairia bem. Não porque eu esteja sentindo dor, mas por causa da sensação que a morfina causa.

— Nunca estive melhor.

— Posso fazer alguma coisa por você?

Uma reformulação genética completa.

— Não.

Minha mãe se afasta e dá uma olhada geral na catacumba. Quer dizer, no quarto. Um arrepió percorre suas costas.

— Você parece tanto com seu pai — ela murmura. Com certeza. Me ver preso aos tubos, careca e mais pálido do que a parede devia ser como voltar para a época em que meu enorme pai estava esparramado em uma cama como aquela.

Ela dá um sorriso enorme, o mesmo que ela abre sempre que tenta não se emocionar muito. Minha mãe larga a barra de metal na lateral da cama.

— Mas eu gosto do novo corte de cabelo, agora consigo ver seu rosto. Você fica bem mais bonito quando não está escondido atrás daquele matagal. — Ela segura gentilmente meu queixo, do jeito que fazia quando eu era pequeno. — Você é igualzinho a ele.

Não falo nada, porque vi as fotos e é verdade. Dá para pegar uma foto do meu pai e dizer que sou eu.

O mesmo corpo enorme que preenche toda a fotografia e o mesmo rosto capaz de rachar a lente. Mas, para minha sorte, sou mais peludo.

— Ah, Dylan. — Minha mãe suspira enquanto afofa o travesseiro. — O médico me contou que você estava tentando pegar uma bola... Dava pra fazer isso de uma forma mais segura, sabia?

— Hummm.

— Achei que você odiasse futebol americano.

Finjo que não ouvi e estendo a mão para a bomba de morfina. Bombeia-bombeia-bombeia.

— Pare com isso — ela diz, tirando a bomba da minha mão. — A última coisa que preciso é te levar para a clínica de metadona toda manhã antes da escola. Nada de ficar viciado em morfina hoje, por favor.

— É muuuuito legal.

— Aposto que sim — ela diz. — Bem, enquanto te esperava acordar, liguei para a escola para avisar que você vai dar o pontapé inicial da volta às aulas com uma perna só.

Reviro os olhos por baixo das pálpebras, sentindo uma onda provocada pelos analgésicos.

— Beleza. Pra quem mais você contou?

Fern Chapman?

Juro que vou morrer se a Fern entrar por aquela porta.

— Pra escola, pra família — ela diz.

— Meus amigos? — Tenho medo de perguntar. — Diga que vou ser o primeiro a contar pro JP.

— Não fique bravo, querido... — Ela morde o lábio.

— Mas você já mandou uma mensagem pra ele — termino a frase por ela.

— Não, não, ele que mandou uma pra mim! Ele soube que tinha acontecido alguma coisa com você e queria saber como você estava. Não é isso que os amigos fazem?

— Talvez.

— Não fique bravo com ele. Foram vocês que decidiram que eram irmãos quando pequenos, não eu. Ele estava preocupado. — Minha mãe tenta rir. — Bom, o JP pode não ter te visto em pleno voo, mas aposte que seu pai curtiu assistir ao espetáculo na primeira fila.

Rimos juntos, mas parece forçado. Afinal, o que nos resta fazer? Nada. O homem com quem eu me pareço mais a cada dia, da altura aos pelos, se foi há doze anos. Depois de uma luta longa e difícil contra o câncer, então espero que pelo menos esteja se divertindo lá em cima.

Minha cabeça está gelada. Encosto nela devagar e sinto só o cabelo bem curto e espelhado, nada daquele volume ressecado com as pontas eriçadas. Isso já era.

— Cadê o meu boné de beisebol? — pergunto imediatamente.

Minha mãe dá uma olhada em volta.

— Não sei.

Sento e me mexo de um lado para o outro, procurando por ele.

— Não, sério, onde está?

— Deite — ela diz. — Dylan, sua perna, cuidado.

— Estou bem. — Coisas começam a apitar e os enfermei-

ros vêm correndo, pedindo para eu parar de me mexer. — Eu só quero o meu boné — tento dizer, da forma mais lenta e calma que consigo. Não funciona. Um bilhão de mãos e braços em pânico pressionam meu corpo para baixo. Pelo visto sou mesmo tão grande quanto dizem. — Não é a minha perna — tento explicar. Se alguém visse, ia achar que estavam tentando segurar um búfalo descontrolado. Sou só eu, gente! — É que eu gosto do meu boné, só isso.

— Boné? — uma das enfermeiras pergunta.

— Posso arranjar um boné para você — o enfermeiro chefe diz. — Já volto.

Minha mãe se aproxima e esfrega meu ombro.

— Está tudo bem, querido — ela diz. — Você é um garoto bonito, sabe disso. Não precisa se esconder atrás de um boné. Você é uma pessoa linda, por dentro e por fora, e um dia...

— Mãe, não.

Mãe. Deus, por onde começar? Pela generosidade profunda? Se um completo estranho machucar o dedão perto dela, ela vai ser a primeira a oferecer uma carona e metade de suas economias só para garantir que a pessoa fique bem. No meu caso, isso significa lembretes constantes para me convencer de que eu sou incrivelmente maravilhoso.

O fato de que ela precise se esforçar tanto me incomoda mais do que as palavras em si.

— Pronto. — O enfermeiro chefe volta com uma touca branca de algodão.

Dou uma olhada rápida e a deixo do lado da cama.

— Obrigado — digo a ele mesmo assim. Não tenho von-

tade de usar qualquer coisa que não seja meu boné de beisebol. Ele passou por poucas e boas comigo, é meu capacete de batalha. Essa touca de hospital não me protegeria de porcaria nenhuma. Olho para o sistema de polias e cabos que mantém minha perna parada e levantada. Minha perna. A sensação de vazio me invade quando olho direto para ela. Como se fosse inerte. Um peixe que lutou com bravura, mas acabou pendurado, pesado e medido nas docas.

— Dylan, querido, você está bem? — ouço minha mãe perguntar.

— Estou com dor. — Finjo alguma agonia física. Ela não se move, então me mexo um pouco mais. Ela estava tão feliz por me ver novamente, então faço uma cara de pura angústia só para ela, que acaba me deixando apertar a bomba. (Uhul.)

— Preciso falar com o médico.

O enfermeiro chefe testa a resposta dos nervos dos dedos enquanto outra enfermeira deixa o quarto.

— Vou procurá-lo — ela diz.

Mordo o lábio superior. Será que realmente deveria fazer isso? Perguntar para ele algo que só perguntei ao Google até hoje? Estou achando que sim. Uns vinte minutos depois, meu cirurgião ortopedista, dr. Jensen, entra e analisa a cena.

— Qual é o problema, sr. Ingvarsson?

Ele é bem direto ao ponto.

— Não é nada, não — murmuro, a vergonha voltando com força total. — Estou bem agora.

Todo mundo olha fixo para mim. O médico diz para a minha mãe:

— Posso ter um momento a sós com o paciente?

— Claro — ela diz. Mas não sai do lugar, piscando com inocência.

O médico levanta a sobrancelha enquanto a encara, até ela não poder mais ignorar a indireta.

— Eu vou, bem... Pegar alguma coisa para beliscar. Volto daqui a pouco. — Minha mãe para. Os enfermeiros também param no meio do caminho, prestes a sair com ela. — Quer alguma coisa?

— Não — responde.

— Tem certeza? Posso dar uma saída e pegar um sanduíche ou algo assim, não? Uma torta de maçã? Você adora torta de maçã.

— Mãe!

— O.k., tudo bem, tô indo. — Ela desaparece.

O dr. Jensen me encara quando ficamos sozinhos.

— Certo, agora me conte, qual é o problema de verdade? Seus olhos são como lasers.

— É que... hã... bem... você pode... — balanço a cabeça, minha cabeça patética.

— Posso o quê? — Dr. Jensen olha para o relógio.

Suspiro e tento de novo. Talvez esta seja minha única chance.

— Pode me indicar alguém capaz de... me mudar?